

# História e historicismo alemão

## OBJETIVOS DE APRENDIZAGEM

- Compreender os campos conceituais do historicismo.
- Tomar contato com a variedade de acepções teórico-conceituais sobre o historicismo.
- Conhecer os primórdios da concepção historicista cientificista de História presentes na historiografia alemã do início do século XIX, pelo pensamento de Von Humboldt, Von Ranke e da Escola Prussiana, espaço do otimismo historicista alemão.
- Conhecer os fundamentos filosóficos do pensamento histórico de Georg Wilhelm Friedrich Hegel.

## ROTEIRO DE ESTUDOS

- SEÇÃO 1 - Em busca de uma definição de historicismo
- SEÇÃO 2 - O historicismo alemão: Von Humboldt e Von Ranke
- SEÇÃO 3 - O historicismo alemão: o otimismo historicista
- SEÇÃO 4 - Hegel e a História

## PARA INÍCIO DE CONVERSA

O século XIX é considerado, muitas vezes, como o século da história. É um momento emblemático marcado por dois movimentos complementares: a consolidação da história como ciência e a construção de um consenso em torno do seu papel para o entendimento do cidadão e das sociedades.

É possível, neste momento, perceber que junto com a busca da conquista pelos historiadores do *status* de cientistas, há uma intensa preocupação com as questões políticas e com o papel desempenhado pela produção historiográfica no seio da sociedade. Aprofunda-se, também, a busca por um conhecimento que explique e legitime o funcionamento do Estado – Nação. Assim, uma preocupação começa a se delinear para a escrita da história: o método.

Durante o século XIX, os historiadores passam por um processo de emancipação, conquistando, gradativamente, a autonomia da História como um campo de saber com características científicas.

Inspirados no posicionamento intelectual do Romantismo, os historiadores constroem, cada vez mais, o espaço da História como um lugar para se discutir e definir a revolução e as origens da sociedade moderna, ao mesmo tempo. A história passa a ser considerada uma pedagogia social e política.

Junto com as proposições românticas e uma preocupação nacional republicana, os ideais iluministas começam a colocar na figura do historiador e na do conhecimento histórico a função de guardar e formar a consciência social e política do cidadão.

Nesse momento, a História passa a ser encarada como o grande espaço de desenvolvimento dos conhecimentos, pois, para além de uma função normatizadora nas sociedades, ela também era característica de todo e qualquer conhecimento científico, já que toda a ciência é considerada “filha de seu tempo”.

Tudo é histórico! Tudo é história! Essas poderiam ser frases de inspiração do historicismo.

O principal espaço conquistado pelo historicismo no século XIX foi na historiografia nacionalista alemã, particularmente a prussiana.

A Alemanha do século XIX era um “mosaico político” de estados diferenciados, formada basicamente por regiões em que imperavam variações do regime feudal. Frente à ameaça de revoluções por que passava a Europa,

o Estado Prussiano iniciou uma série de mudanças, em busca da introdução de princípios democráticos em um regime monárquico, ao mesmo tempo em que buscava garantir sua hegemonia sobre os demais Estados alemães.

Junto com essas mudanças, surgiu a necessidade de “diluir” o impacto dos ideais revolucionários de inspiração francesa e criar uma espécie de consenso quanto a manter-se a sociedade coesa, sem conflitos sociais. Parte dessa tarefa foi dada ao historicismo e à sua concepção de história individualizante e nacionalista.

Segundo Fontana (2004, p. 128):

Para entender o historicismo há que vê-lo a partir de Niebhuhr (1776-1831) que pensa na história como uma forma de ensinamento patriótico que pode ajudar a frear o avanço das idéias da aborrecida revolução [francesa]; segui-lo no momento decisivo que significa a formação da escola história do Direito [...] que combatem as propostas jusnaturalistas e defendem, contra as teorias da ilustração, a peculiaridade individual e histórica de cada povo; ver o papel que tem para o seu desenvolvimento a publicação dos monumentae germaniae Histórica [...] perceber como se integram no movimento o “descobrimento” do popular – poesia, cantos, contos -, ou entender em que medida forma também parte do historicismo o sistema de economia política nacional.

O historicismo floresce na Alemanha, justamente ancorado nessa necessidade – sobretudo política – de fundamentar as bases de uma nação heterogênea e multifacetada, dissolvendo, o máximo possível, os ideais revolucionários e a possibilidade, ainda que remota, da tomada popular do poder.

LE GOFF (1985, p. 207) aborda o historicismo alemão a partir de quatro grandes categorias:

Os fundamentos teóricos do historicismo alemão em Wilhelm Von Humboldt e Leopold Von Ranke, o apogeu do otimismo historicista na escola prussiana, a crise do historicismo na filosofia crítica da história de Dilthey e Max Weber e o relativismo histórico de Troeltsch e Meinecke.

Nesta Unidade II você conhecerá as características gerais e as dificuldades para se chegar a um conceito de consenso sobre o historicismo. Tomará ciência, também, do debate sobre o historicismo através de uma série de autores dos séculos XIX e XX. É um percurso um pouco mais complexo conceitualmente, mas, com certeza, o seu empenho e dedicação numa leitura atenta do texto serão recompensados com a obtenção de conhecimentos sobre um dos espaços determinantes para a compreensão da escrita da história com a qual você trabalha no cotidiano.

Para isso, o primeiro passo é a construção de um painel conceitual sobre

o historicismo. Como é um termo de definição complexa e difícil, você irá, na *Seção 1*, tomar contato com um painel de propostas de definição sobre o historicismo.

## SEÇÃO 1

### EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO DE HISTORICISMO

Nesta Seção, você tomará contato com a diversidade de formas de compreensão do termo *historicismo*. Conhecerá, também, as suas premissas básicas, no campo historiográfico, com suas influências sociológicas e filosóficas.

Usualmente, o *historicismo* é compreendido de maneiras distintas. Ele é ao mesmo tempo um encaminhamento filosófico, a partir do momento em que chama a atenção para a historicidade presente em toda e qualquer ciência, e um momento de sistematização da história enquanto ciência.

Costuma-se relacionar o termo *historicismo* com o apogeu atingido pela história cientificista do século XIX, em que se acreditava que por uma *correta* interpretação do passado poderia ser alcançada uma segurança a respeito dos acontecimentos que estavam em curso e, portanto, corrigir e interferir sobre eles. Essa interpretação não era exclusiva dos historiadores, mas sim um ponto de vista partilhado por economistas, juristas, sociólogos e cientistas políticos, dentre outros.

As influências, implicações e características do historicismo só começaram a ser debatidas no momento em que a opção de centralizar o conhecimento em seu caráter histórico começou a ser tratada.

O que se denomina historicismo é difícil de definir. Para alguns, o Historicismo é método, ou mais exatamente uma teoria, metodologia. Para outros, é uma visão de mundo fundamentada metafisicamente, com implicações políticas. Uma de suas principais características é a rejeição do universalismo da ilustração, oriundo período Iluminista na França, que é substituído por uma visão em que cada nação é considerada como uma totalidade orgânica, com leis e lógicas próprias de evolução.

Partindo desse ponto, considerava-se que a história não deveria ocupar-se de estágios de desenvolvimento social nem de "séculos de

análise" da cultura da humanidade; mas, ao contrário, as nações deveriam ser consideradas individualmente, e os fatos deveriam ser analisados com uma preocupação em entender as nações, sem procurar relacioná-las com o mundo de maneira geral.

A discussão sobre o historicismo é bastante complexa, pois o termo possui significados diferentes dependendo do enfoque teórico que o utiliza. Mas, de maneira geral, o historicismo parte das seguintes premissas básicas:

- Os fenômenos sociais, culturais ou políticos são essencialmente históricos e só podem ser compreendidos dentro da História, através da História ou em suas relações com o processo histórico.

- Há uma diferença essencial entre os fatos históricos, culturais e sociais e os fatos naturais. Assim, as ciências que estudam os fatos históricos, culturais e sociais são qualitativamente diferentes daquelas que estudam os fatos naturais.

- Não é somente o objeto da pesquisa histórica que é histórico, inserido no processo histórico, mas também o historiador, pesquisador ou professor está imerso no curso do processo histórico.

A partir de tais premissas básicas se desenvolvem as diferentes concepções, nem sempre harmônicas e concordes entre si, do historicismo no campo da historiografia. Essa falta de concordância e harmonia levou diversos pensadores a construir a crítica das concepções e características do historicismo, como você verá a seguir, na *Seção 2*.

## SEÇÃO 2

### • • • • • O HISTORICISMO ALEMÃO: VON HUMBOLDT E VON RANKE • • • • •

O início do historicismo na Alemanha pode ser localizado na produção de Wilhelm Von Humboldt, pensador erudito, diplomata, historiador, filósofo da linguagem e fundador da Universidade de Berlim em 1810.

A obra histórica de Von Humboldt é bastante ampla e se resume conceitualmente no livro *O dever do historiador*, publicado em 1821. Seu pensamento sofre influência romântica, com referências à revolução

francesa.

Sua contribuição principal à historiografia está em sua “teoria das idéias históricas”, através da qual Von Humboldt

Insiste na importância do indivíduo na história, no lugar central da política em história, princípios da filosofia da história que inspiraram a ciência histórica alemã, de Ranke a Meinecke. As suas idéias não são metafísicas, platônicas, são idéias historicamente encarnadas num indivíduo, num povo (espírito do povo, *Volkgeist*), numa época (espírito do tempo, *Zeitgeist*), mas permanecem vagas. Embora não seja “nem nihilista nem relativista” tem uma concepção fundamentalmente “irracional” da história. (LE GOFF, 1985, p. 207)

O pensamento de Von Humboldt influencia de forma decisiva a maioria dos historiadores alemães da primeira metade do século XIX, notadamente aquele de maior expressão dentre eles, Leopold Von Ranke (1795-1886).

Von Ranke é considerado pela maioria dos autores como o grande historiador alemão do século XIX e, para alguns, como a mais importante figura da História do século XIX, o homem que, incontestavelmente, teve a mais importante e a mais duradoura influência no campo da escrita da história.

Sua problemática, influenciada por Von Humboldt, é definida no espaço da nação e da questão do Estado, trabalhados por um

Método que associa erudição e escrita, que narra e explica, que nem julga nem filosofa, que retira a sua substância de fontes primárias extraídas dos arquivos e das bibliotecas. Ranke escreve obras sólidas, isto é, precisas, pormenorizadas, logo volumosas, mas também bastante apoiadas tipograficamente em referências de pé de página que remetem o leitor para os documentos. Não dizer nada que não seja verificável – eis o que funda a história como uma ciência positiva. [...] O objetivo do historiador não é deduzir as leis nem enunciar a causa geral; é mais simplesmente – e mais difícil – mostrar “como é que aquilo se produziu exactamente” (“wie es eigentlich gewesen”) (LE GOFF, 1985, p. 207).

BOURDÉ & MARTIN (1990, p. 114) vêem no método de Von Ranke cinco regras básicas sobre o trabalho do historiador:

Os postulados teóricos de Von Ranke encadeiam-se da maneira seguinte: 1ª regra: incumbe ao historiador não “julgar o passado nem instruir os seus contemporâneos mas simplesmente dar conta do que realmente se passou”; 2ª regra: não há nenhuma interdependência entre o sujeito conhecedor – o historiador – e o objecto do conhecimento – o facto histórico. Por hipótese, o historiador escapa a qualquer condicionamento social, o que lhe permite ser imparcial na percepção dos acontecimentos; 3ª regra: a história – o conjunto das res gestæ – existe em si, objectivamente; tem mesmo uma dada forma, uma estrutura definida, que é directamente acessível ao conhecimento; 4ª regra: a relação cognitiva é conforme o modelo mecanicista. O historiador registra o

facto histórico, de maneira passiva, como o espelho reflete a imagem de um objecto, como o aparelho fotográfico fixa o aspecto de uma cena ou de uma paisagem; 5ª regra: a tarefa do historiador consiste em reunir um número suficiente de dados, assente em documentos seguros; a partir destes factos, por si só, o registro histórico organiza-se e deixa-se interpretar. Qualquer reflexão teórica é inútil, mesmo prejudicial, porque introduz um elemento de especulação. Segundo Von Ranke, a ciência positiva pode atingir a objectividade e conhecer a verdade da história.

CHAUNU (1976, p. 67) vê no trabalho de Von Ranke um imperativo ético, expresso na citação do De Oratore de Cícero "*nam quis nescit prima essen historia legem, ne quid false dicere audeat, deind ne quid veri non audeat*" (a primeira lei da história é nada ousar dizer de falso, a segunda é ousar dizer tudo o que é verdadeiro). Para ele, Von Ranke, ao priorizar a História do Estado, se põe na sucessão de Tucídides.

A obra histórica de Von Ranke é centrada na Europa dos séculos XV a XVII e, especificamente, na história da Prússia nos séculos XVIII e XIX. Sua última obra é uma História Universal, interrompida por sua morte.

Para LE GOFF (1985, p. 207-208), numa visão fundada na *Escola de Annales*,

Ranke foi mais um metodólogo que um filósofo da história. Foi "o maior mestre do método crítico filológico". Lutando contra o anacronismo, denunciou o falso romanesco histórico, por exemplo, nos romances de Walter Scott e afirmou que a grande tarefa do historiador consistia em dizer "o que de fato existira". Ranke empobreceu o pensamento histórico, atribuindo excessiva importância à história política e diplomática.

O seu pensamento foi porém deformado em dois sentidos: um positivista e um idealista. Os historiadores franceses [Langlois e Seignobos 1898] e americanos [Adams 1884] viram nele "o pai da história", de uma história que se limitava à "estrita observação dos factos, à ausência de moralização e de ornamentos, à pura verdade histórica".

Ora, Ranke colocou-se na linha de Humboldt enquanto defensor (prudente) da doutrina das idéias históricas e acreditou também no progresso da cultura como conteúdo da história, deu grande importância à psicologia da história, como mostrou na sua *Histoire des Papes Romains* [1834-36]. Mas embora se tenha utilizado com frequência frases suas em que dizia que 'cada povo está directamente ligado a Deus' foi 'adversário das teorias históricas nacionais'.

O estilo de Von Ranke como escritor é trabalhado de forma admirável por Peter GAY (1990) e por Hayden WHITE (1992). Von Ranke, por mais controverso e ideologizado que tenha sido seu trabalho, é o grande marco da historiografia alemã da primeira metade do século XIX, e sua contribuição foi fundamental para construir a legitimação histórica que suportou a unificação nacional alemã. Seu trabalho foi o maior influenciador do movimento historiográfico denominado de *escola prussiana*, considerada o ápice daquilo que se convencionou nominar como "otimismo historicista" alemão no século XIX.

## SEÇÃO 3

### O HISTORICISMO ALEMÃO: O OTIMISMO HISTORICISTA

O principal expoente do otimismo historicista alemão foi Johann Gustav Droysen, que expõe a visão teórica da Escola Prussiana em seu *Sumário de História*, de 1858.

Droysen contesta a idéia da possibilidade de objetividade plena na "ciência" da História. Para ele, o verdadeiro historiador não é neutro. Ele lança as bases do historicismo relativista, no qual não existe uma verdade objetiva e neutra, mas "verdades" construídas a partir do ponto de vista político e religioso do historiador.

Embora reconheça que isso leva a resultados parciais na produção do conhecimento histórico, Droysen não vê nisso um problema. Ele postula a necessária coragem para se reconhecer tal limitação e afirma um lado positivo nessa questão - o de que o que é limitado, parcial e particular é mais rico do que aquilo que é comum e geral. Assim, o comum e geral poderia ser aceito pelos historiadores, porém apenas depois de um processo de tomada de posição diante do objeto histórico é que se torna possível chegar a um conhecimento mais pleno de significado, mas, ainda assim, necessariamente parcial e unilateral.

Em relação aos campos da História, centrados no Estado e na Nação, as concepções de Droysen podem ser vistas, resumidamente, da seguinte maneira:

Droysen pensa que não há conflito entre moral, história e política. Se um governo não se basear pura e simplesmente na força, mas também numa ética, ascende ao estágio supremo de realização ético-histórica, o Estado. O Estado prussiano foi no século XIX, o modelo deste resultado, já realizado na Antiguidade por Alexandre. No seio do Estado deixa de existir conflito entre liberdade individual e bem comum. (LE GOFF, 1985, p. 208)

Essa concepção, que constrói o espaço do Estado como espaço privilegiado para a escrita da História, é decididamente reforçada por outro expoente do otimismo historicista da Escola Prussiana, Heinrich Von Sybel.

Sybel insistiu ainda mais na missão do Estado e na realidade de um progresso geral da humanidade. Acrescenta-lhe a proeminência do Estado devendo usar-se a força, em caso de conflito com o direito. (LE GOFF, 1985, p. 208)



As concepções do otimismo historicista da Escola Prussiana colocam o Estado e suas relações como o principal objeto da escrita da História e anunciam o caminho para a proposta do caráter “científico” da produção do conhecimento histórico que seria plenamente desenvolvida na segunda metade do século XIX.

## SEÇÃO 4

### HEGEL E A HISTÓRIA

Georg Wilhelm Friedrich Hegel se insere nesta discussão sobre o historicismo de forma particular e específica, não apenas por ter sido o primeiro filósofo a colocar a história no centro de sua reflexão, mas porque “ele representa um historicismo completo sistematicamente aplicado”.

Hegel define parâmetros próprios para sua concepção das relações entre pensamento (razão) e realidade. Sob a influência da Revolução Francesa, define a “essência da realidade na mudança histórica e no desenvolvimento da consciência de si que o homem tem” (CARR, *apud* LE GOFF, 1985, p. 210).

Para ele, “tudo o que é racional é real, e tudo o que é real é racional”. Assim, o primado da idéia como expressão da razão governa o mundo e a história: “A única idéia dada pela filosofia é esta simples idéia da razão, a idéia de que a razão governa o mundo e que, por conseguinte, a história universal se desenvolve racionalmente”. Hegel constrói a partir daí um sistema que chama do “espírito” (*Geist*).

A história não é idêntica à lógica. Hélène Vedrine chamou a atenção para o texto da *Encyclopédie des Sciences philosophiques en Abrégé* [1830]: ‘Mas o espírito da história do mundo, desembaraçando-se destas limitações dos espíritos dos povos particulares e da sua própria mundaneidade, apreende sua universalidade concreta e eleva-se até o saber do espírito absoluto, como verdade eternamente efectiva, na qual a razão cognoscente é livre em si mesma e na qual a necessidade, a natureza e a história só estão serviço desse espírito e são os instrumentos da revelação da sua honra’. Hélène Vedrine nota que este texto prova bem o idealismo de Hegel, mas que nele se manifesta o paradoxo de todas as filosofias da história: para apreender o sentido do desenvolvimento deve encontrar-se o ponto nodal onde desaparecem os acontecimentos na sua singularidade e se tornam significativos segundo uma grelha que os permite interpretar. Na sua totalização, o sistema produz um conceito do seu objecto, de tal maneira que o objecto se torna racional e escapa por isso ao imprevisto e à temporalidade em que o acaso poderia desempenhar um papel. (LE GOFF, 1985, p. 210)

Hegel tem uma visão bastante particular sobre o processo histórico. Para ele só os povos que constituem um estado podem ser reconhecidos como integrantes desse processo. Ele configura o estado moderno, depois da Revolução Francesa como

Formado por três classes: a classe substancial, ou dos camponeses, a classe industrial e a classe universal (a burocracia), que parece representar a perfeição em história. Hegel não faz parar aqui a história; pensa que a Pré-História acabou e que a história já não é a mudança dialéctica, mas que o funcionamento racional do espírito começa. (LE GOFF, 1985, p. 210)

Hegel marca de forma clara o pensamento histórico alemão do século XIX, apesar de ter sido criticado por Von Ranke. Sua principal influência, porém, é sobre o pensamento de Karl Marx, que será analisado em Teoria da História III, em seu próximo semestre de estudo.



Você viu nesta Unidade II – História e Historicismo Alemão - uma discussão sobre o campo conceitual do historicismo em seus principais elementos constitutivos e as dificuldades para um conceito exato do termo. Aprendeu, também, que o termo *historicismo* é empregado de maneiras e com significados distintos, dependendo da corrente teórica que o utiliza, e percebeu o quanto isso dificulta a construção de um referencial padrão para o emprego do termo na concepção do processo histórico e filosófico.

Em seguida, você pôde partilhar com diversos autores oitocentistas e do século XX um apanhado de posturas críticas em relação ao historicismo, nas mais diferentes dimensões, que revelaram a falta de unidade e coesão nos pensamentos historicistas.

A seguir, você estudou as vertentes historicistas alemãs, partindo do pensamento proto-metódico e cientificista de Leopold Von Ranke, passando pelos autores do período conhecido como Escola Prussiana ou *otimismo historicista* na Alemanha, e concluindo com uma tomada de contato com o pensamento do filósofo dialético idealista Georg Wilhelm Friedrich Hegel, que mesmo que formalmente não seja historicista é influenciado pelo historicismo e influencia vários pensadores historicistas. Viu, também, que a historiografia posterior ao momento do apogeu do nacionalismo europeu no século XIX construiu uma visão fortemente crítica aos pressupostos historicistas.

A seguir você verá que o historicismo, principalmente o alemão, deixou influências determinantes no processo de cientificação da História pela historiografia francesa de meados do século XIX em diante elaborado pela *Escola Metódica*.

Até lá!!! Tenha um bom estudo!!!



ATIVIDADES

1. Tendo como base o texto da Unidade II que você acabou de estudar, reflita sobre as possibilidades apresentadas e construa a sua proposta pessoal de conceituação de *historicismo*.
  
2. A partir da proposta de conceituação que você elaborou na *Atividade 1* acima, reflita bem e construa um texto dissertativo conclusivo sobre as influências do historicismo em suas concepções pessoais de História.
  
3. Medite, pense bem, torne a pensar bem sobre a escrita da História conforme proposta por Leopold Von Ranke e que se traduz no aforismo “*Contar o passado como se produziu exatamente (wie es eigentlich gewesen)*” e na citação do De Oratore de Cícero “*nam quis nescit prima essen historia legem, ne quid false dicere audeat, deind ne quid veri non audeat*” (a primeira lei da história é nada ousar dizer de falso, a segunda é ousar dizer tudo o que é verdadeiro), e responda de forma extensiva e dissertativa se isso é possível ou não, e por quê.
  
4. Discuta a questão presente em Von Ranke, Droysen e Von Sybel sobre a centralidade do Estado como objeto da História. Tente dar as causas, as principais formas de expressão e as conseqüências dessa proposta para a escrita da História como você a conhece hoje.
  
5. Faça uma analogia entre o pensamento histórico de Hegel e as concepções históricas do presente com as quais você tem contato.



A series of 15 horizontal lines providing space for notes.